

caracterização do quadro histórico da população do município com a reconstituição das condições de vida dos negros nas minas da Província de Minas Gerais e em Vila Bela, mostrando a "resistência dos pretos à identidade estigmatizante de cativos distribuídos, desterrados e coisificados, impostos pelo dominador branco". Da mesma forma que "o desejo liberdade identificou negros na resistência à escravidão... ser fugitivo ou quilombola, ou ser candidato à fuga e ao quilombo", definia a primeira identidade étnica dos pretos de Vila Bela em relação aos brancos. No domínio do espaço eles reinauguraram sua etnia como pretos, brasileiros, livres e iguais.

Na última parte do livro é analisada a volta dos brancos e a "reinstauração de uma alteridade trágica provocando a resistência dos pretos" e "Vila Bela torna-se palco de uma etnicidade dramática operando processos políticos, na busca de participação do negro no poder, reelaborando o igualitarismo da comunidade tradicional num projeto de sociedade municipal multirracial democrática".

Dessa forma, pelo belo livro de Maria de Lourdes Bandeira, pode-se acompanhar todo processo histórico da evolução de uma comunidade e colher dados concretos para a discussão da questão raça e classe em relação à etnicidade de Vila Bela, sob a hipótese de persistência de casta racial como organização informal na sociedade de classes no Brasil.

Sem dúvida, esse trabalho vem de encontro aos objetivos propostos do projeto inicial: o enriquecimento empírico da literatura sobre o negro, com pesquisas etnográficas de dados ensejando novas abordagens aos estudos sobre o negro brasileiro.

Olga Rodrigues Nunes de Souza

*

ORACY NOGUEIRA — *Tanto preto quanto branco* — Estudos de relações raciais. São Paulo, T. A. Queiroz, 1985, 133p.

O autor reúne, nesse volume, ensaios sobre Relações Raciais no Brasil e nos Estados Unidos; os preconceitos em relação aos descendentes de africanos estão baseados numa extensa bibliografia especializada (págs. 123 a 133) e na sua vivência pessoal e participativa, a qual é visível em todo o trabalho. Sua reflexão é feita com muita ternura a partir de suas "reminiscências" ... (P. de 50 a 60).

"Esta introdução (explica o autor) ficaria incompleta se não mencionasse os principais contatos pessoais e bibliográficos de que estou consciente e que influenciaram, de um modo ou de outro, meus trabalhos sobre relações raciais".

Em primeiro lugar, as influências extracientíficas (p. 53) — "Bá — Maria Rita da Silva, mulata de olhos verdes, filha 'natural' de uma negra, empregada doméstica, e de um

fazendeiro, nascida na Freguesia de Campos Nossos da Cunha, analfabeta, porém extraordinariamente inteligente e habilidosa, foi a principal depositária da cultura oral, com quem convivi. Tinha um provérbio para cada situação da vida e foi dela que ouvi, pela primeira vez, que 'em casa de enforcado, não se fala em corda' e justamente com alusão ao problema da cor...". "Quando comecei a me interessar pelo estudo das relações raciais, percebi a importância desse provérbio, na situação racial brasileira".

Diz o autor:

"(...) mudando-me assim, para cidades cada vez maiores, senti que também ia aumentando o distanciamento social entre o círculo dos brancos em que minha família estava inserida e o das pessoas de cor, com as quais *nunca mais* (o grifo é meu) teria a oportunidade de conviver com aquela *intimidade que havia caracterizado minha infância*, na terra natal". (p. 56, § 1º).

"O principal personagem de cor da cidade era um médico baiano, preto retinto, tido como excelente profissional (...)" (p. 57). "Corriam, na cidade várias estórias sobre situações vexatórias devido à cor. Segundo uma delas, ele (o médico), estava perto de seu automóvel, na rua principal, quando um viajante comercial chegou, colocou as malas no carro, sentou-se e lhe disse: 'Toque para Rio Preto'. O dono do carro teria obedecido e, chegando à cidade vizinha, quando o viajante se dispôs a pagar o preço da viagem, tirou do bolso um cartão e lhe apresentou: 'Doutor Fulano de Tal - médico'".

Essas estórias eram contadas (p. 58, § 3º) pelos adultos e pelos meninos, na escola, em meio de exclamações de admiração pela competência e de pesar pela cor da personagem. "Sempre me lembro, comovido, da luta pela sobrevivência e ascensão, da dignidade e do holocausto dessas duas famílias de pretos e mulatos, tão amigos e hospitaleiros". (p. 60).

Reafirmando o que foi escrito no início desta resenha, além da "introdução" - que é um ensaio científico onde o autor expõe seu método, suas técnicas e explicita seus conceitos -, o livro contém, ainda, os seguintes artigos:

- 1) "Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem".
- 2) "Atitude desfavorável de alguns anunciantes de São Paulo em relações aos empregados de cor".

"Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem" (p. 67), foi o trabalho que o autor apresentou ao I Congresso Internacional de Americanistas, em 1954.

"(...) nos Estados Unidos (p. 84), o branco que mantém relações de amizade com pessoas de cor é pejorativamente chamado de 'negro-lover' ou de 'negro-voluntário', além de estar sujeito a sanções mais drásticas".

Quanto à ideologia: onde o preconceito é de marca, a ideologia é, ao mesmo tempo, assimilacionista e miscigenacionista; onde é de origem, é segregacionista e racista.

"A atitude desfavorável de alguns anunciantes de São Paulo em relação aos empregados de cor" é um artigo que faz a análise dos anúncios de procura e oferta de empregados negros e mestiços aparecidos nos principais jornais de São Paulo.

Os conceitos explicativos que o autor propõe sobre a natureza do preconceito sobre os papéis sociais dos negros e as discriminações que padecem com as estruturas das sociedades bi-raciais, tanto aqui no Brasil como nos Estados Unidos, são examinados de forma muito original e prendem a atenção do leitor, do começo ao fim.

Essa publicação reúne, assim, um material de leitura obrigatória para aqueles que investigam as relações raciais em nossa sociedade.

Helmy Mansur Manzochi

*

MIRIAM NICOLAU FERRARA. *A Imprensa Negra Paulista (1915—1963)*. São Paulo, FFLCH/USP, 1986.

O negro conta a própria história dele através do livro "A imprensa negra paulista", editora FFLCH/USP-1986, de Miriam Nicolau Ferrara. Uma obra inovadora no estudo das relações raciais no Brasil, que analisa os jornais publicados por negros e para negros, de 1915 a 1963. A autora retira os negros do ostracismo e da gigantesca sombra da supremacia branca e apresenta indivíduos pensantes, que se utilizam da mídia impressa para organizar-se enquanto grupo e definir a própria identidade cultural. Um trabalho, que segundo o antropólogo Clóvis Moura — que prefacia o livro —, "repõe em discussão um problema significativo: a ideologia do negro urbano de São Paulo que sempre reivindicou o direito de ser cidadão brasileiro, o seu desejo de integrar-se em pé de igualdade com todos aqueles que compõem a nação".

Em linguagem direta - tão direta quanto os periódicos pesquisados -, Miriam guia o leitor por 48 anos de história protagonizados pelo próprio negro. O livro, que inicialmente foi uma dissertação de Mestrado do departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, está dividido em quatro capítulos: Uma imprensa de negros para negros; Histórico da imprensa negra paulista; A manifestação da imprensa negra paulista; e África na imprensa negra paulista. Cada capítulo permite ao leitor reconstituir a história desta imprensa alternativa.

O livro que poderia ser uma obra apenas descritiva, vai além. Segue passo-a-passo os caminhos percorridos pelos jornais juntamente com os colaboradores e fundadores, resgatando a liderança negra nos momentos mais expressivos dos movimentos. Depoimentos como os de José Correia Leite e Jayme de Aguiar, fundadores do jornal "O Clarim da Alvorada"; Raul Joviano Amaral, Francisco Lucrécio e Pedro Paulo Barbosa, fundadores da Frente Negra Brasileira e do jornal "A Voz da Raça"; e Aristides Barbosa,